



actual / **Siri Hustvedt**

«A arte tem de **PERTURBAR**»

Segundo Siri Hustvedt, escritora e ensaísta casada com Paul Auster, devemos olhar nus para as obras de arte. Nus de preconceitos e disponíveis para a estranheza, entenda-se

Entrevista de **Filipa Melo** Fotografia de **Raquel Wise**

Casada há 31 anos com o escritor Paul Auster, mãe da actriz e cantora Sophie Auster (de 26 anos), Siri Hustvedt (n. 1955) está habituada a que lhe falem de influências familiares. Mas continua a achar o tema muito aborrecido. Após cinco romances aclamados pela crítica (o último, **Verão Sem Homens**, saiu em 2011), dedica-se sobretudo ao ensaísmo sobre artes visuais, estética, psicologia, filosofia ou neurociências. «**Foi uma forma de criar o meu nicho, onde sou uma espécie de outsider**», diz, com uma gargalhada, no hotel de Cascais onde a famí-

HUSTVEDT esteve com a família no Lisbon & Estoril Film Festival



lia está instalada a convite do Lisbon & Estoril Film Festival: Siri e Paul integram o júri de Curtas-metragens MEO e Sophie deu um concerto no Music Box. No sábado, dia 15, a partir das 19h, a escritora estará no Museu Nacional de História Natural e da Ciência, em Lisboa, para conversar com o público sobre os mecanismos de percepção dos fenómenos artísticos e para ler excertos do novo romance, **The Blazing World**, que será lançado em Março de 2014 nos EUA.

No seu caso, é difícil alhearmo-nos do enquadramento familiar. Acha possível

abordarmos uma obra de arte sem expectativas?

Não será possível, mas é desejável. As expectativas podem cegar-nos. Sabemos hoje que a percepção das obras de arte pode até ser condicionada por predisposições biológicas ou fisiológicas pré-conscientes. Mas o fenomenologista Edmund Husserl [no início do século XX] aconselhava-nos a pormos de lado as nossas disposições naturais. Não conseguimos colocar-nos perante uma obra de arte totalmente nus, mas podemos rejeitar ao máximo as ideias pré-concebidas. Devemos abrir-nos a todas as possibilidades.

«A Mona Lisa foi esmagada pela história da sua recepção e é ofuscada pela multidão que se acumula à sua frente a toda a hora»

Inclusivamente, ao estranhamento...

A arte que me interessa é aquela que nunca chego a compreender totalmente. Algumas obras de Goya, por exemplo, são tão fortes que me é quase insuportável olhar para elas. Cada pessoa tem um grau diferente de estímulo e de tolerância. Mas a arte tem de perturbar e de chocar...

Como um pesadelo?

Ou um sonho.

Estas questões da percepção também estão no seu novo romance?

Tenho estudado a relação entre corpo e mente e o papel fisiológico da emoção. Sempre me interessei pelo funcionamento dos mecanismos de percepção e esse é o tema central em **The Blazing World**, onde várias personagens, cada uma com a sua voz, apresentam as suas múltiplas percepções. A protagonista é uma artista visual já falecida, mas cujas impressões conhecemos através do seu diário. As obsessões dela são as minhas: 'O que vemos, afinal?', 'Até que ponto a nossa

percepção é afectada pelo dinheiro ou pela fama?'

Ou pela aprovação dos outros?

É um disparate defendermos hierarquias artísticas muito rígidas, porque as obras de arte estão vivas ou renascem em cada novo espectador, leitor ou ouvinte. O peso de uma aprovação pré-estabelecida pode condicionar-nos a tal ponto que deixamos de conseguir ver a obra. É o que acontece, por exemplo, com a **Mona Lisa**, que foi esmagada pela história da sua recepção e é ofuscada pela multidão que se acumula à sua frente a toda a hora. Até certo ponto, as pessoas querem é registar o facto de terem visto determinado quadro e, por isso, nos museus, fotografam-no, antes ou dispensando mesmo olharem para ele. É também por isso que se lê tanta má literatura ou se vê tanto mau cinema. Aderir a uma proposta só porque muitos outros a consomem é uma experiência social ou cultural, mas não significa um verdadeiro contacto com a arte. Num certo sentido, é uma espécie de placebo.

Podemos treinar a nossa sensibilidade para a arte?

Sim, tal como podemos alterar a nossa resposta fisiológica à dor. Desde o início dos anos 80 que, para combater as minhas enxaquecas, uso Biofeedback, uma técnica que, através de equipamentos electrónicos e de exercícios de relaxamento, nos ensina a auto-regular funções psicofisiológicas. Este tipo de terapêuticas mostra que podemos alterar a nossa percepção.

O tempo de atenção e observação também é fundamental...

Há pouco tempo, enquanto escrevia sobre as naturezas mortas do pintor italiano Giorgio Morandi, experimentei observar durante quinze minutos uma garrafa de água com gás. Primeiro, o rótulo começou a perder nitidez. Depois, surgiram múltiplos pormenores, como os cambiantes de intensidade da luz ou de espessura do vidro ou os efeitos visuais da condensação da água. A visão foi-se alterando devido à intensidade e à duração do olhar, o que também acontece perante uma obra de arte. Quanto mais rica for a obra de arte, maior será a surpresa do nosso olhar e a sua ressonância, ao longo do tempo, dentro de nós. ●

